

CARAS FORMANDAS

Discurso do deputado Marcos Rolim, como paraninfo da turma de Serviço Social da UNISINOS – dezembro de 1996.

Esta noite assinala o fim de um ciclo e, por isso mesmo, o início de outro.

Ficam para trás os anos de pólen, aqueles onde nossas formandas germinaram. Vai-se o tempo das luas amanhecidas em cada prova, das desamparadas noites de esperança e silêncio. Vai-se o tempo dos primeiros amores e seus relâmpagos, tempo em que recolhemos clarões à alma e de onde brotam nossas lágrimas minerais. Vai-se o tempo em que as primeiras certezas surgiram, perenes feitas flores ou espigas, como lembrança de mãos antigas. Vai-se, definitivamente, o tempo que as coisas eram até simples. Simples como raízes, como caminhos ou como a palavra “vontade”.

Inaugura-se o tempo das realizações, tempo de espadas e frutos. Tempo para lutar e para saborear. Dúvidas mais fundas serão postas à mesa, como cálices luminosos e certezas de outra ordem serão construídas na temível ceia da práxis. Nossas formandas estão prontas para a cerimônia da vida e trazem consigo as afiadas armas da justiça. Inaugura-se um tempo de sol e de suor. Tempo para repartir e compartilhar. Tempo para brilhar e aquecer. Estamos aqui para saudar este novo tempo como quem lança ao mar um navio de doze tripulantes que batizamos com o nome de “Esperança”.

A nossa frente, a imensidão azul e seus mistérios. Quantas perguntas todos nós poderíamos fazer agora neste momento solene? O que será de nossa embarcação, tão bonita e pequena, diante das implacáveis correntes? Como de comportará o “Esperança” quando as tempestades chegarem? Que ameaças o espreitam desde as profundezas onde descansam as caravelas? Terá nossa embarcação, também, um futuro submarino? E as tripulantes? Permanecerão em seus postos à noite, com o olhar atento às estrelas? E quando as ondas erguerem a planície das águas, saberão propor uma parceria para a dança?

Não o sabemos. As respostas estão no mar e há que buscá-las navegando. Sim, navegar é preciso. É o que nos dizem estas doze marinheiras, profissionais do Serviço Social.

É preciso percorrer as ilhas deste enorme País. Aquela onde estão os excluídos, os abandonados, os esquecidos. É preciso reconhecê-las, primeiro, nas instituições totais que segregam, humilham e maltratam. Por isso, nossa embarcação estará nos manicômios e se encontrará com a nau dos loucos; saberemos, então, daqueles dos quais já não temos notícias. E recolheremos os lamentos dos navios avariados, dos submarinos sedados, amarrados,

contidos. E diremos que se toda a loucura tem uma razão que a reconhece e protege, então toda a razão tem uma loucura que a provoca e estimula. O “Esperança” estará nos asilos onde traçaram aqueles levados para nunca mais. E ouvirá histórias contadas por nossos velhos e aprenderá com eles renovadas lições de humanidade. Nossa embarcação proporá a revisão de consolidados conceitos quando atravessar a noite lúgubre dos cárceres. E no olhar de cada apenado saberá reconhecer a lua de todas as épocas. O “Esperança” estará entre as crianças e adolescentes asilados e saberá dos seus medos, de suas angústias, de seus desejos. E depois desse e outros encontros, haverá orvalho em nossos olhos e será inverno em nossos corações.

Ser Assistente Social, de fato, é guardar uma disposição infinita de procura pelo outro. É elevar-se em direção àquele que nos é estranho e, por isso, libertar-se em relação a si mesmo. Aqui, como em qualquer relação generosa, só nos encontramos quando nos perdermos completamente.

Que nossas doze tripulantes possam, assim, se perder alegremente nesta doce busca que, na falta de outra palavra, podemos chamar de bondade. Que este resultado seja o conteúdo mais espesso do trabalho de cada uma. Que ele atravesse a atividade de vocês como uma espada atravessa uma fruta. Porque, como já o disse João Cabral, “a espada é mais espessa que a fruta”. Assim como um adeus é mais espesso que um cumprimento; como a atenção é mais espessa que um adeus; como a indignação é mais espessa que a atenção.

Que a assistência que vocês irão produzir seja como uma luz primordial. Não dessas que conduzimos, mas dessas que nos ascendem.

Muito obrigado e boa sorte.